



A Caixinha de Música

Mário Joaquim Silva Azevedo*
Roberto Manuel Enrique Merino Mercado*

CONTRAFACITUM PARA O DRAMA E A MÚSICA NO JARDIM DE INFÂNCIA

A “caixinha de música” é a metáfora ideal para um texto que, pensado e escrito a dois, evidencia os princípios orientadores que têm norteado o trabalho dos professores de Expressão Dramática e Expressão Musical na ESE de Paula Frassinetti.

Trata-se, naturalmente, de testemunhar o conceito de “2 em 1” - dois professores com ideias e campos de trabalho demasiado próximos - que foi possível construir pela roda do destino, pelo trabalho pedagógico comum e pelas recentes perspectivas curriculares da ESE de Paula Frassinetti.

À Caixinha de Música escapam a autópsia do texto curricular das áreas em questão e a sua abordagem sequenciada dado que interessa aos autores, tão somente, alimentar a imagem de uma “caixinha” que tenha o condão de ser inter e transdisciplinar.

A ver vamos...

ELOGIO DA CAIXINHA DE MÚSICA

Começaremos por elogiar o mecanismo da *caixinha de música*. Engrenagem perfeita de rotações que permite uma música sublime que supera, naturalmente, o mecanismo frio do metal. São rodas dentadas pequenas que encaixam, milagrosamente, umas nas outras e que fazem girar outras bem maiores. Vemos, então, as pequenas num autêntico frenesim ao mesmo tempo que as rodas grandes evoluem no seu espaço como rodas planetárias definindo os seus movimentos largos como constelações silenciosas.

A caixinha de música que propomos é, simultaneamente, uma caixinha musical e uma caixinha dramática.

À invisibilidade do som sobrepõe-se, no tampo, uma bailarina ou um *pirot* lunar que dançam melancolicamente, ora uma ora outro, em círculos exteriores que reproduzem suavemente as rotações interiores.

* Professores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Sabemos que esta caixinha é uma caixinha bem organizada, que funciona mesmo quando manipulada por mãos inexperientes. No entanto, para a pôr a trabalhar é necessário saber dar à corda, pois nem sempre ela salta à vista. Torna-se importante, então, experimentar, descobrir e encontrar os pequenos prazeres encobertos que a caixinha contém. Aqui e neste momento, imaginamos o(a) Educador(a) a construir algo que seduz, algo que desperta a admiração e onde a própria fragilidade do objecto encontrado não se perde.

Vemos, então, na caixinha a própria representação da criança que manipula, que cria.

A CAIXINHA E O TEMPO

A caixinha remete-nos para um tempo impreciso, para um tempo anterior à escola, um tempo de sonhos, um tempo comum a todas as pessoas, um tempo lúdico carregadinho de memórias.

Ela provoca, também, uma atmosfera mágica, ilusória e quantas e quantas vezes não seremos tentados a descobrir o seu mecanismo interno, a abri-la, a desvendar o seu segredo.

Assim, vemos como a caixinha pode condicionar comportamentos e remeter-nos para um mundo estético, um mundo ordenado, um mundo que busca a singularidade do próprio pensamento humano, um mundo que procura a inventividade.

Com a caixinha podemos, então, construir um tempo para a imprevisibilidade, para a originalidade, para a grande ópera das experimentações.

Ter tempo para, com a caixinha, viajar entre a teoria e a prática em ordem a despoletar apropriações pessoais de conhecimento.

Ter tempo para promover viagens-tarefas em equipa...

Ter tempo para encontrar o que é essencial, evitando a todo o custo atitudes reducionistas.

Ter tempo para o reencontro com o previsível-imprevisível universo infantil.

Ter mesmo tempo!...

O CONTRAFACTUM

Originalmente, *contrafactum* significa “a prática de escrever novas palavras para melodias existentes na Idade Média tardia”.

Assim sendo, propomos uma atitude palimpséstica que liga o DRAMA e a MÚSICA em ordem a criar novas palavras, novos gestos, novas ideias, novas

metodologias. Mas, assim como no palimpsesto aparece um novo texto sobre outro apagado, desejamos criar textos originais que devem emergir de trabalhos que possibilitem a auto-formação, que marquem o(a) aluno(a) como produtor de saberes e não como reproduzidor de conhecimentos.

Através do *contrafactum* desejamos elaborar um percurso pedagógico que faça o(a) futuro(a) educador(a) orbitar em torno do corpo, fonte privilegiada das expressões, deslocar-se em torno das ideias, da voz e dos instrumentos.

Apelamos para que, no regresso deste percurso, o(a) educador(a) se situe curricularmente perante o universo das experiências/conhecimentos que obteve a ponto de poder interagir dialecticamente com o mundo e a sociedade que tem pela frente.

Queremos que o *contrafactum* seja, nem mais nem menos, uma referência significativa para o “jeito de ser” do(a) educador(a) e que a caixinha dramático-musical que propomos seja o seu “brinquedo” eleito.

AS FUNÇÕES DO CONTRAFACTUM

Pretende-se, aqui, que o(a) educador(a) domine as estruturas essenciais da comunicação e, no campo específico do comportamento humano, dê meios, informações, tarefas e instrumentos que exercitem todas as competências que bailam no interior de cada criança.

Obter a redefinição da palavra *projecto*, investigação individual/colectiva do(a) educador(a), para conhecer coisas novas, para encontrar uma nova natureza é uma das mais prioritárias funções do *contrafactum*.

Do e com o *contrafactum* pensar e ver o jardim de infância como um mundo metafórico que se abre para o conhecimento mas que é, simultaneamente, apenas um lugar de passagem...

Do e com o *contrafactum* descobrir a ESE de Paula Frassinetti como o lugar perfeito, qual observatório ideal, para a construção de uma cartografia da criatividade em que os sucessivos mapas que se elaboram não apontam destinos específicos, mas outrossim, apontam a possibilidade de um caminho, a possibilidade de o ver percorrido tal qual como nos grandes romances/aventuras de piratas em que, apesar dos obstáculos, nós temos a certeza que o tesouro, a existir, será nosso.

Do e com o *contrafactum* desejamos contaminar uma escola que parta para



novas aventuras com o sentido objectivo de crescer, com o sentido rigoroso de auto-investigar, de formar e auto-formar.

Do e com o *contrafactum* queremos:

- . no presente construir para o assombro/espanto;
- . no futuro construir para o sonho/recordação.

Do e com o *contrafactum* desejamos canalizar todas as experiências para a memória colectiva do maravilhoso.

O REGRESSO À CAIXINHA

Toda a experiência termina num processo que, às vezes, é tão simples como o de devolver as coisas ao seu lugar inicial, à sua primeira posição.

Fechemos então a caixinha...

O que acontecerá?

Fica-nos, de imediato, a impossibilidade de agarrar a música com as mãos.

Queremos recordá-la!

Vemos o *pierrot* lunar a descansar na sua plataforma, esgotado...

Cansada de girar a bailarina rende-se ao silêncio...

Fica-nos a recordação daquele momento.

Fica-nos a sensação boa de termos construído colectivamente uma memória.

Fica-nos uma escola do tamanho de uma caixinha de música, do tamanho de uma caixinha dramática...